

## O itinerário da errância em *Rastros de Verão* de João Gilberto Noll

Francesca Batista de Azevedo

### Introdução/OBJetivo

Analisar a obra ficcional *Rastros do Verão* de João Gilberto Noll determinando como se configura intertextualmente o sujeito-literário a num tempo e num espaço que não o acolhem confortável e plenamente. Literatura é, pois, entendida como sistema no qual interagem autores, obras e público, segundo a perspectiva de Antonio Candido.

### Metodologia

O método comparativo e os estudos em Literatura Comparada são empregados nessa análise crítica literária. Desse modo, a obra de Noll é lida com demais textos do autor e com possíveis diálogos entre a palavra e a imagem na contemporaneidade.

### Resultados e Discussão

Um homem, anônimo, chega em Porto Alegre em plena terça-feira em plena terça-feira de carnaval, entre andanças sem rumo pela cidade fora de seu ritmo normal, vazia, silenciosa, o objetivo que o levou até ali se revela e se perde diante das impossibilidades e da alienação latente na descontinuidade de uma história pessoal. Esse sujeito, narra sua experiência, e o olhar representa registra o itinerário da errância que se fragmenta e se dissolve face à fragilidade e descrença dos homens e da vida. Assim o romance *Rastros do Verão* escrito em 1986 por escritor João Gilberto Noll reinventa literariamente um sentido social, calcado e conduzido por um narrador que se filia com as qualidades daqueles compostos anterior e posteriormente no panorama da obra desse autor.

A narrativa *Rastros do Verão* inicia-se entre o estado de sono e vigília, como se pode ler a seguir:

*Um homem debaixo de uma árvore, sentado num banco de pedra a cabeça pendida olhando os pés descalços. De repente ele olha para o fim da planície e sente como se um colapso, e acorda.*

*Foi quando abri os olhos, e o motorista do ônibus batia no meu braço, pedia que eu acordasse porque tínhamos chegado.*

Curiosamente, esse fragmento é o único em que há uma voz narrativa distanciada e aparentemente heterodiegética. Essa focalização impar, expressa o modo como o narrador passa a tomar consciência de sua chegada à capital gaúcha: o sonho descontínuo, deixa suspenso uma cena que ficará sem desenvolvimento, movimento presente no decorrer dessa narrativa, que inicialmente já ensaia uma linearidade fragmentada e imagética.

A estratégia fílmica e o apelo à visualidade empregado no texto narrativo de Noll já

na página de abertura desse romance curto, torna-se evidente também pela presença insistente das *expressões verbais análogas olha, olhos, olhei, vi, olhar* (p.7). O narrador necessita da imagem para significar a vida, e quanto mais carente de sentido próprio está for, mais ele vai simplesmente olhar.

O impulso de olhar sem consciência, sem motivo real, o faz resgatar a idéia de que há pouco ou nada para ser levado à sério, esse modo de enquadrar a realidade reforça o vazio da vida, conforme lê-se a seguir :

*Então calcei os sapatos e me levantei. E antes de olhar compulsivamente sobre o bagageiro me ocorreu a lembrança de que eu não tinha nada comigo. Que era só descer do ônibus e ir. (p.8)*

Outra vez a imagem é preenche a um momento da trajetória do narrador, consumida como fragmentos dispersos do mundo, segundo o seguinte trecho:

*Vi uns postais numa banca, parei para olhá-los. O de Gramado coberto por uma fina camada de neve. Um outro mostrando dois pinheiros solitários. Outro cavalos despidos na campanha. (p.8)*

*Essa dispersão presentificada por registros visuais de diferentes identidades sulinas, é outra vez captada pelos olhos do narrador-personagem, mas desta vez a realidade se mostra frágil e plural por que os elementos que compões a cena, diferentemente dos postais, não se harmonizam ser como pode observado a seguir:*

*Passei por um rádio que tocava uma marchinha. Parei, e vi que o rádio estava nas mãos de um homem sentado num banco, vestido de gaúcho. Ao lado dele uma criança de pés descalços muito sujos pedia colo.*

Não é dado um valor reflexivo sobre o que é visto e ouvido. A narrativa de Noll se limita a sucessão de imagens cambiantes e acontecimentos sem análise e sem a tomada de posicionamento crítico do narrador.

*Quando descia a rampa de caracol da outra ponta uma cigana, que subia, se aproximou e perguntou em castelhano se eu queria que ela lesse a minha sorte. Falei que não tinha tempo, mas antes de terminar a frase notei que a minha mão estava aberta e que a cigana a tomava em suas mãos.*

*Não ouvia o que ela falava (...) Como se a cigana aparecesse apenas para cumprir o rito daquela imolação. (p.10)*

Sem posse de suas próprias mãos, e sem autoridade sobre seu próprio agir, os contatos que se sucedem anunciam o estado de alienação e decadência desse homem que diante do espelho do banheiro masculino da rodoviária se se caracterizou assim:

*Olhei a minha imagem no espelho: eu andava me tratando mal. Não que eu já estampasse uma profusão de rugas, nem bem chegado aos quarenta. (...) Era quem sabe a falta de um sinal qualquer que ainda pudesse insinuar a alguém uma promessa.*

Quando quer ser ouvido não consegue, e quando não espera ao sentar-se num banco o narrador-personagem acha um ser disposto a lhe ouvir.

*Vou ficar na chuva, eu disse- aquelas coisas que costumava dizer quando estava muito só. Alguém sentado ao meu lado disse que faria o mesmo. Olhei para o lado e vi que era um garoto que deveria andar nos 17, no máximo nos*

*18 anos. (p.11)*

A idéia de ser útil a alguém empolgou o homem: “Mesmo que ele trouxesse algumas notas num canto da bermuda, mesmo assim ele tomaria o chope sem ter de pagar em dinheiro. (p. 12).

São rastros dessa natureza que representam um sentido esfarrapado de existir do sujeito representado e apresentado por Noll, alguma razão para andar, nem que seja para deixar apenas rastros alienados por um verão qualquer. A Literatura Contemporânea, expressa também assim o sujeito de seu tempo e assim é construída por ele?

### **Referências bibliográficas**

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1992.

OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da Catástrofe*. São Paulo: Nankin, 2001.

NOLL, João Gilberto. *Rastros do verão*. Porto Alegre: L&PM, 1986